

Velinhos em Suas Notações do Amor

Conto de Cyro de Mattos

- Ah, se você soubesse como tudo mudou de repente e nada mais me trouxe alento nesta vida com a perda do meu velinho. Desde que ele partiu só restou um vazio no coração, já não tenho mais interesse de fazer as coisas da casa, até hoje não sei como tenho conseguido suportar. É uma coisa triste que me tem como se tudo na vida não tivesse graça. Ah, meu velinho, se você soubesse a falta que você me faz, como essas mãos estão à toa e essas pernas já não querem andar? As filhas vão bem, todas três estão casadas e me deram seis netinhos... Não, há muito tempo que as duas mais velhas não vêm me visitar. Moram muito longe daqui, exceção de Vitorinha que até o mês passado viveu aqui na chácara. Foi por isso que você não se encontrou com ela. Você não reparou a casa dela toda fechada? Fizemos a muda num sábado pela manhã, só você vendo o choro dos meninos. Juquinha, o mais velho, não me deixou um só minuto, disse que não era pra eu

ficar triste, nunca ia se esquecer de mim. Garantiu que todo domingo estaria aqui comigo. Eu já estava imaginando a hora difícil de passar por este momento, minha filha tão boa ficar longe de mim. Ela me adiantou no início do ano que o marido estava muito preocupado com as crianças, ele achava que elas já estavam crescidas e por hipótese alguma queria filho seu se criando no mato feito bicho. Ah, meu velinho, se você soubesse a falta que você me faz? Desde que você foi embora, tudo mudou de repente. Não, não creio, você ainda era uma criança, no fim desse mês faz outro ano que ele foi embora de uma vez, pra nunca mais voltar. Ele tinha chegado da cidade um pouco cedo e ficou ali na sala o tempo todo acabrunhado. Ele me disse que estava aborrecido, chateado com certas coisas que andam acontecendo por aí. O que foi, meu velinho, não fique assim zangado, me conte o que aconteceu com você, eu disse. Ele falou que ficou muito tempo na padaria pra

* Cyro de Mattos é escritor, poeta e advogado. Pertence à Academia de Letras da Bahia.

conseguir comprar o pão, ninguém ligava pra ele, os balconistas eram uma gente grosseira, só atendiam os que estavam junto do balcão. Gente bruta essa que trabalha em padaria, não é minha velhinha? Hum, hum, hum, nos passos arrastados ele veio se chegando pra junto de mim. Recostou a cabeça no meu ombro, ficando naquele soninho bom e quieto. Quando entardeceu, lembro bem que ele acordou com um vento frio que entrou de repente pela janela. O vento tirava um assobio doído nas gretas da parede da sala, circulando como se quisesse dar algum aviso. Ele abriu os olhos devagarinho e eu notei que ele fez um esforço pra conter duas lágrimas descendo dos olhos meio sem brilho. Naquele instante, confesso que senti um forte calafrio no corpo inteiro. Ouvei ele dizer: Olhe, minha velhinha, creio que hoje mesmo vou partir, sinto o sangue fugir das veias, o coração bater fraquinho. Deu um suspiro demorado, parou um pouco, fez um esforço e prosseguiu. Se conforme, viu, as três filhas estão aí pra tomar conta de você. Depois que ele assim falou, ficou ainda conversando com o médico e os de casa por algum tempo. Tentei aquecer seus pés com meias grossas de lã, vi que seus olhos estavam tristes e parados, fixos em mim. Ele queria me dizer alguma coisa importante, mostrando ter dificuldade para dizer o que era. Nunca vou me esquecer das últimas palavras que ele disse pra mim. Ouça, minha velhinha, sei que é pouco, mas o que eu deixo serve pra

você ter sua velhice sossegada. Deixo a chácara, a casa alugada na cidade, um depósito no banco e um seguro para o caso de você adoecer. Falou que eu não ficasse triste, qualquer um de nós entra nessa vida pra um dia ter que sair, dessa maneira o mundo Deus põe e dispõe, nada se pode fazer. Recomendou pra que eu não deixasse de louvar a Deus nas minhas orações, não se esquecesse de pedir a Ele perdão pelas suas faltas. Acrescentou que dessa vida não levava rancor de ninguém, qualquer dia desse eu ia me encontrar com ele, tinha certeza disso. Foi, minha sobrinha, uma morte doce, tão serena que até hoje toda família comenta. Mas acredite que eu não tive forças para ir até o cemitério. Fiquei o tempo todo a pedir às filhas que pelo amor de Deus esperassem mais um pouco e não levassem o seu caixão. E até hoje não sei como venho conseguindo suportar esses momentos sem ele. A vida de todos os dias sozinha. Nem sei até quando esse vazio que eu levo vai terminar... Não faço idéia quando é que a Vitorinha vai passar por aqui. Ela me prometeu na saída que breve viria me visitar, tão logo a família ficasse acomodada na casa que o marido comprou num dos bairros ricos da cidade. O marido de Vitorinha viveu esse tempo aqui comigo de cara fechada. Era ciumento por causa dos netinhos. Cheguei a tomar conhecimento da própria boca dele que seus filhos não iam ficar mofinos por causa dos agrados da avó. Se dependesse dele, ninguém de sua raça

ia crescer molenga. E o que eu podia fazer ? Família tem dessas coisas, nem sempre é amor ou entendimento. É me conformar, não é, minha sobrinha?...Ah, meu velhinho, tão bom que esse ano você viesse me buscar, isso fosse feito o mais breve, se você soubesse a falta que você me faz, como tudo mudou de repente...

II

Antes eles tinham o inverno quente, o verão fresco. Todos os anos, com carinho a casa era pintada. Permanecia com suas cores vivas num coração que, seduzido de encanto, renascia. Pássaros cantavam no quintal. Dálías, rosas, girassóis, antúrios e margaridas eram regadas por mãos cheias de desvelo. Com a sua hora luminosa floresciam nos canteiros. Pelo cair da tarde, por um caminho calçado de pedrinhas redondas, eles desciam vagarosos até a margem do rio. Ali ficavam a olhar a paisagem, davam comida aos peixes com migalhas de pão. Por seus olhos de um certo tom azul, transparência líquida, as águas do rio iam descendo. Águas de dois rios agora se encontravam naquele trecho sereno. Seus cabelos alvos e sedosos oscilavam sob a aragem do Verão. Depois, com as faces banhadas por uns raios mornos, permaneciam de mãos dadas como se o sangue delas pulsasse numa veia só. Naquelas velhas mãos

que, entrelaçadas, conversavam em silêncio.

Elas souberam que eram dez dedos que não queriam se separar. E acreditaram sempre que nunca se separariam. Como peixe e mar, raiz e chão, olho e luz, ave e céu. Das margens do rio voavam borboletas como grandes manchas coloridas. E eles se viam naquele pôr-do-sol, caminhando no tempo com a sua curva natural, feita de céu e terra noivando no entardecer, num momento singular, cotidiano e pleno. Suas mãos tocavam outra vez o passado, o presente e o futuro, no ar havia uma só cadência que os integrava pelo azul de estações frutíferas.

Um mundo de amor era entregue a eles nesse instante, a ressoar em suas almas uma música cujas notas nasciam do silêncio com seus cristais raros carregados de existência. Porque também se sentiam no horizonte, com a terra e o céu como dois rostos num só rosto se fazendo, uma só brisa, uma só palavra, uma só riqueza.

Seus cansados corações viajavam na fantasia de um sonho, que em som e cor revestia-se de uma linguagem íntima, colhida nos momentos de todos os dias.

Como deixavam transparecer os dois pares de chinelo largados no quarto vazio, gastos, empoeirados, trescalando em silêncio todo calor que viesse de um beijo vitorioso do infinito.